

O GOZO FEMININO, A EROTOMANIA E A EVIRAÇÃO NA PSICOSE

Francisco José dos Reis Goyatá

Médico, Psicanalista, Membro da EBP da AMP.

Mestrado em Psicologia (UFMG)

Professor de Psicopatologia e Psiquiatria Clínica na

Faculdade de Ciências Humanas e Centro Universitário da Fundação Mineira de Educação e Cultura

Membro da Diretoria ampliada da Associação Mineira de Psiquiatria,

federada da Associação Brasileira de Psiquiatria

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano.

Ed: Av. Francisco Deslandes 869 sala 306. Anchieta.

Belo Horizonte, MG. CEP: 30310530.

goyata@uol.com.br

Resumo: Este artigo é fruto de uma tese de dissertação de mestrado com o título “Esquizofrenias atípicas e psicanálise: reflexões teóricas e clínicas”, que está em sua íntegra disponível neste site no ícone Dissertações. O texto aborda o gozo feminino na psicose em suas derivações, privilegiando o enfoque clínico.

Palavras-chave: psicose, esquizofrenia, sexualidade na psicose, eviração, empuxo à mulher, erotomania

Abstract: This article is fruit of a thesis of dissertation master's degree with the heading “atypical Schizophrenias and psychoanalysis: theoretical and clinical reflections”, that it is in its complete available one in this site in the Dissertation icon. The text approaches the feminine joy in the psychosis in its derivations, privileging the clinical approach.

Key-words: psychosis, schizophrenia, sexuality in the psychosis, “eviração”, push to the woman, erotomania.

Lacan sublinha que, entre o homem e a mulher, a separação mais fundamental passa pelo muro da linguagem. “O ser do corpo, certamente é sexuado”, mas quando se trata de estudar a sexuação do ser falante, Lacan considera que isso é “secundário (Seminário 20), porque sua sexuação resulta, em primeiro lugar, de acontecimentos de discurso aos quais os órgãos deverão se conformar (ou não). Disso são testemunho as inadequações entre o sexo anatômico e o sexo psíquico. As fórmulas da sexuação elaboradas entre 1971 e 1973 encontram sua formalização mais acabada na página 105 do *Seminário Mais ainda...*

Tais fórmulas escrevem uma lógica dissimétrica das posições homem e mulher. Lacan, no *Saber do Psicanalista*, já teria dito que os pares humanos não copulam, eles falam. As fórmulas mencionadas têm seu ponto de partida num dos dados menos discutíveis da experiência analítica: a impossibilidade de escrever a lógica da relação entre os sexos, que está resumida no aforismo que enuncia: “Não há relação sexual”. O que a cópula sugere e nosso cantor mais popular, Roberto Carlos, diz em sua canção, *O Côncavo e o convexo*, é relação complementar. O sujeito só pode alimentar a ilusão de uma fusão com o outro graças ao imaginário suscitado pela paixão amorosa. Canta o poeta Guilherme Arantes: “amanhã será um novo dia da mais completa alegria que se possa imaginar... Mais advertido que seu colega, coloca na perspectiva amorosa totalizadora dos neuróticos o encontro absoluto no futuro assintótico.

Não vamos nos estender na explicitação das fórmulas da sexuação neste trabalho dado o objetivo precípua de discuti-las somente no que interessa ao tema proposto. Portanto, a posição dos seres falantes que se situam do lado masculino estará, por ora descartada embora saibamos que nas fórmulas um lado se correlaciona com o outro.

A posição dos seres falantes que se situam do lado do outro sexo é diferente. Parte da proposição universal negativa – $\overline{\forall x} \Phi x$ – que especifica que a mulher está “não-toda” no gozo fálico. Sua relação com este último revela ser de contingência e não de necessidade. Dá-lhe acesso a um gozo, não complementar, mas *suplementar*, gozo além do falo, chamado Outro gozo. Este último trabalhado por Lacan no *Seminário Mais ainda...* revela ser um gozo enigmático, louco, impossível de ser circunscrito: não está sob a lei significante, não está proibido, não está civilizado pelo Nome-do-Pai. O Outro gozo é um gozo do corpo, a partir desse seminário.

Todos podemos constatar que a relação do sujeito com seu corpo não é de posse, mas de exterioridade. Os neuróticos falam: “meu corpo”, não “eu corpo”. “O Outro é o corpo”, disse Lacan em *Encore...* Lembremos que essa palavra faz homofonia em francês com *en corps*, no corpo, e o seminário que leva este título foi traduzido para o português como *mais, ainda*.

Para lembrarmos dos números naturais, o corpo, lugar onde se inscreverão os primeiros significantes, equivale ao conjunto vazio. A intervenção do Pai constitui o corpo como deserto de gozo, e orienta o sujeito ao gozo fálico, cujo meio é a linguagem. “Então o sujeito encontra sua satisfação, não no corpo, mas por interposição do significante fálico, em um forado-corpo: o objeto da pulsão”. (MALEVAL, 2002, p. 116). Então, uma mulher está “não-toda” submetida a esse processo: o gozo do Outro designa o que se subtrai. Nem toda mulher pode experimentá-lo enquanto que alguns homens podem sentir seus arrebatamentos: as determinações produzidas pelo significante não estão necessariamente de acordo com a anatomia do ser falante. No presidente Schreber, a invasão do Outro gozo é excessiva. Ele tem certeza de que Deus lhe exige manter-se num estado constante de gozo, de tal forma que, para satisfazê-lo, tem que se esforçar por todos os meios para proporcionar-lhe gozo, o que é uma contradição, só resolvida pelo gozo Outro, isto é, se transformar em mulher. Experimenta a sensação de que seu corpo se feminiza, fenômeno que, na psicose, Lacan nomeou *eviração*¹.

A mulher não é alheia ao gozo fálico, está “não-toda” nele, de tal sorte que, no que se refere ao gozo, desdobra-se em Φ e $S(A)$, numa parte, devido à interposição do falo, articula-se ao gozo do homem. Na segunda é atraída a Deus, a um amor infinito. De outro modo, o homem tem como parceiro somente o objeto a inscrito do outro lado da barra (do lado mulher). Só por meio de seu fantasma, lhe é dado alcançar a sua parceira: $\$ \rightarrow a$. Na posição mulher, o sujeito, seja qual for seu sexo orgânico, faz parceria com o homem sob o modo do objeto, quer dizer, como representante do que causa seu desejo, através do falo.

¹ Lacan, na Questão Preliminar..., argumenta que, ao abrir-se no campo do imaginário a hiância que corresponde à falta da metáfora simbólica, a saída da sexualidade de Schreber só poderia se resolver na efetivação da emasculação. Objeto de horror para o sujeito, inicialmente, depois aceito como compromisso razoável, e, desde então, decisão irreversível. O órgão sexual passa a uma reabsorção pacífica nas entranhas do sujeito porque ele não sofreu castração real no complexo do mesmo nome, logo, Lacan sugere o termo *eviração* como tendo o mesmo sentido que emasculação. (LACAN: (1957-58/1998 p. 570/571[564]).

A coleção das mulheres é articulável por intermédio do discurso, mas esse não pode circunscrevê-la. É logicamente possível contá-las, mas somente uma a uma. Sua posição está dominada pela função que escreve que não há uma que represente o dizer que proíbe – $\overline{\exists x \Phi x}$ – proposição existencial negativa. Não há equivalente, na coleção das mulheres, ao menos-um cuja exceção instaure um limite unificador que as contenha como ao conjunto dos homens. Nenhum significante funda um universal de A mulher. Como imagem do que se poderia situar nesta ausência, Maleval cita Miller em *A natureza dos Semblantes* (1991-92/2001, p. 75), exemplificando esta situação com a imagem da Virgem Maria. O mistério da Virgem, virgem e mãe, serve para absolutizar o mistério da mulher como Outra, não como falo centrada: representa o mistério absoluto fora do falo. Por isso, ela participa do Divino. A mulher que seria toda, de acordo com Lacan no Seminário O Sinthoma (1975-76, p. 3), é outro nome de Deus.

A introdução de uma distinção clara entre duas modalidades do gozo, no ensino de Lacan, contemporâneas às fórmulas da sexuação, abriu a possibilidade de um avanço importante na investigação da psicose. O psicótico, como A mulher, conhece um gozo Outro, que pertence ao corpo, mas, à diferença do feminino que conta com o falo como relé. Caracteriza-se por não estar regulado pelo gozo fálico. Existe proeminência do gozo fálico com relação aos outros gozos, porque é, por excelência, aquele que pode se negativizar, fazer exceção ($-\varphi$). Não é essa operação que vamos encontrar na forclusão. Ela será anotada como Φ_0 . Na melancolia os psicóticos se encontram confrontados à pura cultura de pulsão de morte, uma dor que os coloca deitados sem chance nem de dormir, os esquizofrênicos, como nossa mais antiga cliente, à voluptuosidades indizíveis e estranhas. Este gozo que elude o simbólico, chamado Outro gozo, é diverso, inapreensível, não responde a nenhum princípio unificador. Seu aparecimento se manifesta no psicótico como correlativo do que Lacan chama *empuxo-à-mulher*. Em nossa clínica com psicóticos é frequentíssimo o aparecimento de sensações ou intuições de se estar transformando em mulher, diferente de um desejo ou gozo homossexual. Esse gozo estranho e enigmático suscita nos delirantes temáticas transexuais ou mesmo esse Outro nome de Deus que é a Virgem ou uma Deusa.

Se Rodrigo olhasse muito para as pernas das colegas do curso de inglês elas poderiam considerá-lo devasso. Se voltasse o rosto para a direita, encontrando o rosto do

professor, ele poderia pensar que seu olhar era lúbrico. Acontecia assim, infinitamente, em todas as situações em que estava confrontado ao laço social (sexual), condição *sine qua non* de articulação da metáfora paterna e do falo simbólico que nele faltava. Tudo acontecia em silêncio, diálogo interior que vinha relatar nas sessões. Quando entrava em um ônibus, procurava uma haste para sustentar seu olhar. Se havia por perto uma mulher, ela o atraía. Então evitava essa atração (tração, ser irresistivelmente puxado para) olhando para a outra haste, e ali existia um homem (e nos coletivos existem muitos homens e mulheres). Perigo era ser descoberto como desejante. Tinha dificuldade óbvia de se posicionar na partilha dos sexos. Em continuação, lançava o olhar mais longe, nos postes, mas também ali sofria a mesma ambivalência, *ad infinitum*. Dispensável dizer que não se mantinha em qualquer atividade coletiva e saía pela cidade raríssimas vezes.

A Escola Européia de Psicanálise dedicou seu seminário de 94/96 ao tema *Do empuxo-à-mulher*. Geneviève Morel diz no início do seminário o seguinte:

“na psicose, o ponto Pai, $\exists x \overline{\Phi x}$, não existe; escreve-se, $\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$ não existe este ponto de exceção à função paterna ou ela é forcluída. O resultado é como se a função, ela mesma, estivesse forcluída, em cada ponto, porque a função Φ não é possível senão pela existência deste ponto. O psicótico pode percorrer todos os pontos mas não encontrará o Pai, salvo no infinito como Deus, A mulher. O sujeito acompanha este percurso forçado, suportado pelo seu gozo. Este é o sentido do empuxo-à-mulher”.

Assim, aconteceu paradigmaticamente com Schreber e ele disse não poder ser suplantado por mulher alguma. O sentido desta afirmação ele ser A Mulher das mulheres, gozando femininamente mais que qualquer mulher. Se o verificamos, ele comparou seu gozo com o de cada mulher, uma a uma no presente e no futuro, o gozo seria infinito... O sujeito se encontra assim no fim desta verificação assintótica, ele mesmo, encarnando a mulher.

Pierre-Gilles Guèguen, no mesmo *Seminário Do empuxo-à-mulher*, nos lembra que “o empuxo-à-mulher conhece manifestações diversas que merecem ser mais nitidamente distinguidas do que fazemos ordinariamente. Podemos observar todos os degraus da evolução de uma psicose desencadeada, desde as formas mais acabadas do delírio, como em Schreber, até os estados esquizofrênicos” (p. 59), como nosso paciente Rodrigo.

Na clínica da psicose, segundo Maleval, apesar da forclusão do Nome-do-Pai, constata-se freqüentemente a presença incômoda de um Pai todopoderoso, que, como no

mito de Totem e Tabu, capitaliza o gozo. O fenômeno de sua emergência é captado com mais facilidade *a posteriori*, depois da distinção de gozo fálico e gozo do Outro. Se o Pai Real se impõe cruamente como um perseguidor que goza sem limites do sujeito psicótico, é porque a função simbólica do Nome-do-Pai, instauradora do gozo fálico, está afetada por uma carência e, portanto, é incapaz de evitar o encontro angustiante com o gozador obscuro.

Rodrigo sonha que estava enredado em uma cerca de arame farpado e sobre uma haste, uma placa escrita: APLACA. Não entendeu o sentido do sonho, mesmo porque não há metáfora paterna para interpretá-lo, só a escritura com todas as letras.

La clínica de la transferencia psicótica se vuelve más inteligible desde este nuevo punto de vista: al principio sólo mencionada al pasar, algunos años más tarde – a propósito de Schreber – la tesis de la “erotomania mortificante” se ve reforzada, incluso es elevada a la cualidad de un concepto principal. Dicha tesis destaca la propensión del psicótico a situarse como un objeto entregado a la malevolencia del Otro gozador. Subvierte la noción de “psicosis de transferencia” vulgarizada pelos kleinianos. (MALEVAL, 2002, p. 122).²

A primeira vez que Luciana esteve comigo, vinha desalinhada, roupa de cetim lilás apertando seu corpo. Louca por Zezinho. Havia saído com ele e num *affair* em seu carro, Zezinho tocou um de seus buracos. Irrompeu-lhe louco amor que a fez perseguir Zezinho por mais que este se fizesse de rogado. Para ele era apenas uma aventura que os jovens nomeiam hoje de “ficar”. Para ela, o seu Almor³ (LACAN, 1972-73/1985, p. 105). Passa a seguir seus passos, telefonar-lhe em horas as mais inoportunas, procurá-lo no trabalho aos gritos até ele ser obrigado a sair da cidade, sem que ela fosse avisada. Começou um longo tratamento que dura 16 anos, com esses amores desvairados, excessivos, incontrolados em que não reconhece perda alguma e, quando os parceiros se separam, cai em quadro de invasão imaginária com irrupção de A mulher: vê fetos pelo chão, sente-se lésbica, toma inúmeros banhos e apresenta um sem fim de sintomas corporais que, no passado, foram identificados como convulsões. A erotomania tem essa dupla face: goze! e morra! sem chance para o sujeito, que está com o objeto no bolso, sem condição de se separar dele.

² A clínica da transferência psicótica se torna mais inteligível deste novo ponto de vista: de princípio só mencionado de passagem, alguns anos mais tarde – a propósito de Schreber – a tese da “erotomania mortificante” se vê reforçada, inclusive é elevada à qualidade de um conceito principal. Dita tese destaca a propensão do psicótico de situar-se como um objeto entregue à malevolência do Outro gozador. Subverte a noção de “psicose de transferência” vulgarizada pelos kleinianos. (Trad. do autor).

³ Almor – Lacan conjuga o verbo *aimer* como *âme*, condensando amor e alma no neologismo *almor*.

Aqui, as referências lacanianas passam para além do significante à orientação uma orientação quanto a temperança do gozo do Outro e do Outro gozo. No caso de Luciana esta temperança se faz manejando os medicamentos, a palavra suave, exercendo o secretariado atento. Uma equipe coordenada por nós, que vai fazer diferença do sintoma no corpo para a medicina, para a psiquiatria e para a psicanálise no tratamento de seus inúmeros e variáveis sintomas. São balizas fundamentais. Um coletivo expressivo de profissionais, vetorizado pela ética da psicanálise, a acolhe. Luciana nos ensina todos os dias o céu e o inferno do gozo do Outro e do Outro gozo, enigmáticos e estranhos a nós, neuróticos. Ensina-nos também que os analistas não devem trabalhar sozinhos e que o concurso de clínicos e outros profissionais sensíveis à causa psicanalítica é fundamental na direção da cura de um caso de tal complexidade. Esclarecemos que à solidão da intenção não pode corresponder a da extensão, principalmente num caso como esse. Não há como conduzir a cura de um psicótico situando sua direção na referência à neurose. A formação do psicanalista deve incluir o que os psicóticos ensinam a cada analista e à própria psicanálise, como pôde aprender Lacan.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. (1911/1976) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, Editora Ltda., 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), V. XII.
- GOYATÁ, F. J. R. (2003) *Wolf Silva, consumidor implacável*. Belo Horizonte, IX Jornada da EBP – MG. out. de 2003.
- GUÉGUEN, Pierre-Gilles. “Une allusion surprenante”. In: *Cercle Franco-Hellène de Paris*. Figures du pousse-à-la-femme. École Européenne de Psychanalyse. Séminaire 94-96. (Coletânea de Textos. Cópia mimeo).
- LACAN, J. (1972-73/1985) *Seminário 20 – mais, ainda*. 2a. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MALEVAL, J-C. (2002) *La forclusión del Nombre del Padre: El concepto y su clínica*. Buenos Aires: Paidós.
- MILLER, J-A. (2000) “Os seis paradigmas do gozo”. *Opção Laciana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. No. 27/27. São Paulo: abr. 2000. p. 87-105.

MOREL, Geneviève. “Le Pousse-à-la-femme: problématique. Compte rendu du séminaire”. In: *Cercle Franco-Hellène de Paris*. Figures du pousse-à-la-femme. École Européenne de Psychanalyse. Séminaire 94-96. (Coletânea de Textos – Cópia mimeo.)

SCHREBER, Daniel Paul. (1985) *Memórias de um doente dos nervos*. (1842–1911). Rio de Janeiro: Edições Graal (2a. Edição), 1985.